



## 2º Simpósio Internacional de História das Religiões

## XV Simpósio Nacional de História das Religiões

ABHR 2016

### O quadricentenário da morte de William Shakespeare e uma pergunta de Denizard Rivail

Gismair Martins Teixeira<sup>1</sup>

Maria do Socorro Pereira Lima<sup>2</sup>

#### 1. Introdução

Em seu tratado acerca do imaginário, intitulado *As estruturas antropológicas do imaginário*, o pesquisador francês Gilbert Durand (2012, p.18) conceitua que o imaginário representaria “o conjunto das relações de imagens que constituem o capital pensado do homo-sapiens”. Assim, o imaginário abrangeria praticamente todas as instâncias culturais da humanidade. Ainda conforme Durand (2012, p.25), a religião e a poesia, bem como por inferência a literatura em geral, guardam íntima correspondência entre si no âmbito do imaginário.

Surgido bibliograficamente a partir de 18 de abril de 1857, com a publicação de *O livro dos espíritos*, por Hippolyte Léon Denizard Rivail, sob o pseudônimo de Allan Kardec, o espiritismo possui um riquíssimo imaginário que desde o seu surgimento vem expandindo-se de forma exponencial em sua representatividade. Com pouco mais de século e meio de existência, a doutrina sistematizada por Kardec desenvolveu toda uma literatura, de diversos gêneros, representativa e compósita de seu conjunto de imagens.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Professor do Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte da Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte de Goiás. <http://cirandadaarte.com.br/portal/>

<sup>2</sup> Mestranda em Performances Culturais pela Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás; graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás; graduada em Comunicação Social, Habilitação em Relações Públicas pela Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás.



No amplo espectro da literatura universal, e numa perspectiva cartográfica, nomes diversos e fundamentais compuseram peças literárias em que o imaginário espírita comparece em suas efabulações. Isto, após o surgimento do espiritismo na segunda metade do século XIX. Todavia, o imaginário espírita poderia ter aparecido antes e de forma bastante delineada em algum grande autor pré-espiritista?

Este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo de caso que enfrenta essa questão com base no instigante diálogo entre duas perspectivas imaginárias distintas: a do imaginário dramaturgico-literário e a do imaginário espírita. Como representante do primeiro grupo, tomaremos a peça *Hamlet*, de William Shakespeare, cujo quarto centenário de morte transcorre no ano de 2016; como representatividade do segundo grupo, será recortada uma interrogação de Allan Kardec, constante de *O livro dos espíritos* (1995), obra composta de pouco mais de mil perguntas dirigidas aos espíritos sobre os mais variados temas.

O dialogismo entre a citada peça shakespeariana e o paradigma espírita constituirá, assim, a problemática de que passaremos a tratar neste estudo, cujo objetivo é o de apresentar uma contribuição aos imaginários da religiosidade e da literatura, explorando no âmbito da metodologia da pesquisa qualitativa (SEVERINO, 2016, p.125) um campo ainda bastante amplo de possibilidades investigativas, representado pelo diálogo espírita-literário.

## **2. A efeméride, a peça, um paradigma e uma pergunta**

William Shakespeare é uma das personalidades literárias mais complexas da literatura no Ocidente. Nascido em 23 de abril de 1564, na cidade inglesa de Stratford-upon-Avon, o célebre dramaturgo veio a falecer na mesma cidade, também num dia 23 de abril, em 1616. Logo, o ano de 2016 assinala o quarto centenário da morte dessa extraordinária personalidade da cultura mundial. Sobre William Shakespeare, o crítico literário norte-americano, Harold Bloom, um dos principais estudiosos da obra e da vida do poeta e dramaturgo inglês, assevera:



Em Shakespeare, não temos um sábio, nem um crente, mas uma consciência tão vasta que não tem, em absoluto, concorrente: seja em Cervantes ou Montaigne, em Freud ou Wittgenstein. Aqueles que escolhem uma das religiões do mundo, ou por elas são escolhidos, frequentemente, postulam uma consciência cósmica à qual atribuem origens sobrenaturais. Mas a consciência shakespeariana, que transforma matéria em imaginação, não precisa violar a natureza. A arte shakespeariana é a própria natureza, e a consciência de Shakespeare mais parece produto do que produtor adessa arte.

Aos confins da mente, leva-nos o gênio shakespeariano: uma consciência formada por todas as consciências por ele imaginadas. (BLOOM, 2003, p.36)

Acerca da genialidade shakespeariana, Harold Bloom defenderá de forma reiterativa em outra obra, *Shakespeare: a invenção do humano* (2000), a grandeza do bardo inglês, o que transparece do próprio título de seu estudo, que resulta na análise de todas as 38 peças de William Shakespeare.

Em *Gênio: os 100 autores mais criativos da história da literatura* (2003), Bloom antecipa a perspectiva de que Shakespeare inventa o humano ao disseminar em suas peças o recurso da autoescuta por parte de seus personagens, a linguagem interior, que seria usada pelos grandes mestres literários futuros (BLOOM, 2003, p.57). Dentre as personagens shakespearianas, uma das que mais se destacaria na prática da interiorização seria Hamlet, o protagonista da peça homônima.

Escrita entre os anos de 1599 e 1601, *Hamlet* apresenta em sua sinopse a história do atormentado príncipe da Dinamarca, que empresta seu nome à peça. O protagonista do drama suspeita que seu tio Cláudio tenha assassinado seu pai, também chamado Hamlet, para casar-se com a rainha Gertrudes, assumindo o trono. O fantasma do falecido rei aparece a seu filho, confirmando suas suspeitas, e o informa de que fora envenenado, passando a exigir vingança. A partir desse mote se desenvolve toda a trama repleta de ilações de cunho filosófico e moral. A peça tem início com a sobrenatural visão:

ATO I

Cena I



[...] BERNARDO: Quem está aí? Horácio?

HORÁCIO: Só um pedaço dele. O resto ainda dorme.

BERNARDO: Bem-vindo, Horácio. Bem-vindo, bom Marcelo.

MARCELO: Então, me diz – esta noite a coisa apareceu de novo?

BERNARDO: Eu não vi nada.

MARCELO: Horácio diz que tudo é fantasia nossa

E não quer acreditar de modo algum

Na visão horrenda que vimos duas vezes.

[...] MARCELO: Silêncio! Não fala! Olha – vem vindo ali de novo! (Entra o Fantasma.)

BERNARDO: Com a mesma aparência do falecido rei.

MARCELO: Você é um erudito; fala com ele, Horácio.

BERNARDO: Não te parece o rei? Repara bem, Horácio.

HORÁCIO: É igual – estou trespassado de espanto e medo.

BERNARDO: Ele quer que lhe falem.

MARCELO: Fala com ele, Horácio.

HORÁCIO: Quem és tu que usurpas esta hora da noite

Junto com a forma nobre e guerreira

Com que a majestade do sepulcro rei da Dinamarca

Tantas vezes marchou? Pelos céus, eu te ordeno: fala!

MARCELO: Creio que se ofendeu.

BERNARDO: Olha só; com que altivez vai embora!

HORÁCIO: Fica aí! Fala, fala! Eu te ordenei – fala! (O Fantasma sai.)

MARCELO: Foi embora e não quis responder.

BERNARDO: E então, Horácio? Você treme, está pálido.

Não é um pouco mais que fantasia?

Que é que nos diz, agora?

HORÁCIO: Juro por Deus; eu jamais acreditaria nisso

Sem a prova sensível e verdadeira

Dos meus próprios olhos. [SHAKESPEARE, 2009, p.13-15]

Após o fantasma aparecer e ser reconhecido pelas testemunhas que montavam guarda no castelo, a peça continua a apresentar a curiosa relação do ser sobrenatural com as



demais personagens. Horácio dialoga com Hamlet, falando-lhe da aparição do espírito de Hamlet-pai. Na Cena IV do Primeiro Ato, pode-se ler:

HORÁCIO: Olha só, meu senhor, lá está ele! (Entra o Fantasma.)

HAMLET: Anjos e mensageiros de Deus, defendei-nos!

Sejas tu um espírito sagrado ou duende maléfico;

Circundado de auras celestes ou das chamas do inferno;

Tenhas intenções bondosas ou perversas;

Tu te apresentas de forma tão estranha

Que eu vou te falar. Tu és Hamlet,

Meu rei, meu pai, senhor da Dinamarca. Vai, me responde!

Não deixa que eu exploda em ignorância: me diz

Por que teus ossos, devidamente consagrados, enterrados com as devidas cerimônias

Romperam a mortalha; por que o sepulcro,

Onde te depusemos tão tranqüilamente,

Abriu suas pesadas mandíbulas de mármore

Pra te jogar outra vez neste mundo? (SHAKESPEARE, 2009, p.33)

Na sequência, na Cena V, Hamlet-fantasma revela a Hamlet-vivo a causa de sua morte, que teve em Cláudio, irmão do rei, o responsável, num fratricídio remissivo ao etos de Caim e Abel na narrativa bíblica.

*Outra parte da Esplanada. (Entram o Fantasma e Hamlet.)*

HAMLET: Pra onde me leva? Fala: não passo daqui.

FANTASMA: Me escuta.

HAMLET: Te escuto.

FANTASMA: Está quase na hora

Em que devo voltar pro tormento

Das chamas de enxofre.

HAMLET: Ah, espírito infeliz!

FANTASMA: Não desejo pena, só teu ouvido atento

Ao que vou revelar.

HAMLET: Fala: estou pronto pra ouvir.



FANTASMA: E também pra me vingar, depois de ouvir.

HAMLET: O quê?

FANTASMA: Sou o espírito de teu pai

Condenado, por um certo tempo, a vagar pela noite

E a passar fome no fogo enquanto é dia,

Até que os crimes cometidos em meus tempos de vida

Tenham sido purgados, se transformando em cinza.

Se não me fosse proibido

Narrar os segredos das profundas,

Eu te revelaria uma história cuja palavra mais leve

Arrancaria as raízes da tua alma.

E gelaria o sangue da tua juventude,

Fazendo teus dois olhos abandonarem as órbitas

Como estrelas perdidas; enquanto teus cabelos,

Separados em tufo, ficariam com os fios em pé:

Cerdas na pele de um porco-espinho.

Mas esses segredos do sobrenatural

Não são pra ouvidos feitos de carne e sangue,

Escuta, escuta, escuta!

Se você algum dia amou seu pai...

HAMLET: Ó, Deus!

FANTASMA: Vinga esse desnaturado, infame assassinato.

HAMLET: Assassinato!

FANTASMA: Todo assassinato é infame:

Este é infame, perverso – monstruoso.

HAMLET: Me conta tudo logo, pra que eu,

Mais rápido do que um pensamento de amor,

Voe para a vingança.

FANTASMA: Te vejo decidido:

E serias mais insensível do que as plantas adiposas

Que apodrecem molemente nas margens do rio Letes

Se ficasses impassível diante disso. Então, Hamlet, escuta:

Se divulgou que fui picado por uma serpente

Quando dormia em meu jardim;

Com essa verão mentirosa do meu falecimento



Se engana grosseiramente o ouvido de toda a Dinamarca.

Mas saiba você, meu nobre jovem:

A serpente cuja mordida tirou a vida de teu pai

Agora usa a nossa coroa.

HAMLET: Ó, minha alma profética! Meu tio! (SHAKESPEARE, 2009, p.35-6)

A partir dessa revelação do espírito paterno, Hamlet passa a tramar a vingança exigida pela alma penada em relação a seu homicida. O protagonista de Shakespeare apresentará reflexões instigantes, envoltas por um comportamento que sugere um quadro de loucura que tanto pode ser fingida quanto pode ser real.

A mais célebre sentença shakespeariana é proferida num contexto que acompanha uma reflexão acerca da natureza da aparição que o protagonista testemunhara anteriormente na peça:

ATO III

Cena I

[...] HAMLET: Ser ou não ser – eis a questão.

Será mais nobre sofrer na alma

Pedradas e flechadas do destino feroz

Ou pegar em armas contra o mar de angústias –

E, combatendo-o, dar-lhe fim? [...]

Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo, [...]

Podendo, ele próprio, encontrar seu repouso

Com um simples punhal? Quem aguentaria fardos,

Gemendo e suando numa vida servil,

Senão porque o terror de alguma coisa após a morte –

O país não descoberto, de cujos confins

Jamais voltou nenhum viajante – nos confunde a vontade,

Nos faz preferir e suportar os males que já temos,

A fugirmos pra outros que desconhecemos? (SHAKESPEARE, 2009, p.67)



Um pouco antes, ao final do Segundo Ato e da Cena II, o atormentado príncipe dinamarquês afirmara:

[...] Mas o espírito que eu vi pode ser o demônio.  
O demônio sabe bem assumir formas sedutoras  
E, aproveitando minha fraqueza e melancolia,  
– Tem extremo poder sobre almas assim –  
Talvez me tente para me perder.  
Preciso provas mais firmes do que uma visão. (SHAKESPEARE, 2009, p.65)

Harold Bloom, que leciona sobre o poeta e dramaturgo inglês há quatro décadas em Yale, nos Estados Unidos, escreveu um trabalho que é uma espécie de prólogo a sua obra sobre William Shakespeare como inventor do humano. Em *Hamlet: poema ilimitado* (2004), ele discorre sobre a peça de forma detalhada, contemplando em suas abordagens os solilóquios hamletianos que se tornaram proverbiais no universo da cultura ocidental. Acerca do último trecho transcrito, afirma (BLOOM, 2004, p.42): “É duvidoso que, de fato, ele ache que o espectro do pai é um demônio, [...]”.

Os excertos de *Hamlet* em recorte abrem um diálogo notável com o imaginário espírita instaurado por Allan Kardec, o professor Denizard Rivail, e o trabalho de seus continuadores, dentre os quais podem ser destacados nomes como o de Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco e Hermínio Corrêa Miranda. As publicações de Kardec que se seguiram a *O livro dos espíritos* (1995) se caracterizam como material de pesquisa e exposição que desdobra os apontamentos inicialmente apresentados nessa obra basilar da doutrina espírita, instauradora do paradigma espírita.

Do eixo paradigmático espírita constam princípios como o da existência do espírito; a sua pré-existência ao corpo físico; a sua sobrevivência à morte corporal; a migração do espírito através de vários corpos através do fenômeno da reencarnação; a relação do espírito fora do corpo físico com o que está no corpo através do fenômeno comunicacional da mediunidade; a influência recíproca de um espírito sobre o outro, tanto positiva quanto negativa, instaurando processos de cura e de patologia a partir dessa relação; uma





teleologia espiritual mediada pela progressão constante do princípio espiritual; conforme pode ser conferido na vasta bibliografia de Allan Kardec decorrente de suas obras em recorte neste trabalho.

Em *O livro dos médiuns*, obra caracterizada pelo estudo das manifestações espirituais, o professor Rivail realiza um amplo estudo acerca das aparições espirituais nos moldes da que é apresentada na peça de William Shakespeare. Através do fenômeno da psicografia, em que é atribuída a mensagem textual à intervenção de uma força oculta que comanda a mão do médium, as inteligências extracorpóreas responderam a diversas questões sobre as aparições espirituais à visão humana. Como corolário às respostas, Allan Kardec apresenta um ensaio teórico acerca das manifestações visuais (1996, p.139) que remete simetricamente à aparição de Hamlet-pai às testemunhas que puderam vê-lo, reconhecendo-lhe os caracteres:

Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível, se tal é o seu desejo. Assim, embora como Espírito nenhum defeito corpóreo tenha, ele se mostrará estropiado, coxo, corcunda, ferido, com cicatrizes, se isso for necessário à prova da sua identidade. Esopo, por exemplo, como Espírito, não é disforme; porém, se o evocarem como Esopo, ainda que muitas existências tenha tido depois da em que assim se chamou, ele aparecerá feio e corcunda, com os seus trajés tradicionais. (KARDEC, 1996, p.140)

Ao propor que William Shakespeare é o inventor do humano em toda a sua complexidade e idiosincrasia, Harold Bloom (2000) estabelece, naturalmente que de forma involuntária, uma peculiaríssima correspondência especular entre o comportamento de Hamlet-filho e o etos paradigmático espírita. Como pode ser visto nos excertos da peça shakespeariana, anteriormente transcritos, tem o leitor diante de si toda uma gama de nuances spiritistas disseminadas no drama do príncipe dinamarquês.

A par, contudo, da visão do fantasma paterno; do diálogo que se estabelece entre os Hamlets encarnado e desencarnado, conforme a terminologia spiritista; da influência espiritual negativa do pai sobre o filho, que Allan Kardec denominou de obsessão, através do



pedido de vingança de Hamlet-pai; das referências do espírito a sua condição no além; tópicos que dariam outros tantos estudos, destaca-se a singular postura do herdeiro natural do trono da Dinamarca ante o acontecimento sobrenatural.

Mesmo diante da evidência pessoal do próprio testemunho, o príncipe dinamarquês hesita posteriormente em aceitar a possível realidade de que tenha estabelecido um diálogo com o seu pai falecido, pois afirma que a morte representa o país de onde jamais alguém retornou para dar notícias (SHAKESPEARE, 2009, p.67). Em outro momento dirá que o espírito paterno pode na verdade ser o demônio sob disfarce (2009, p.65), numa recuperação dos imaginários católico e protestante, que veem na comunicação entre o espírito de um morto e sua parentela uma manifesta artimanha diabólica, não obstante a dúvida de Harold Bloom quanto à crença de Hamlet de que a aparição paterna seja de fato o demônio.

Em torno da tradicional hesitação humana, nesse caso enformada na dúvida hamletiana concernente à identidade paterna do espírito que lhe aparecera, Allan Kardec apresentou aos seus interlocutores espirituais um questionamento peculiarmente remissivo ao que se passa em *Hamlet* no que diz respeito à aparição espiritual e sua posterior interpretação por parte do príncipe vidente:

*802. Visto que o Espiritismo tem que marcar um progresso da Humanidade, por que não apressam os Espíritos esse progresso, por meio de manifestações tão generalizadas e patentes, que a convicção penetre até nos mais incrédulos?*

Desejaríeis milagres; mas, Deus os espalha a mancheias diante dos vossos passos e, no entanto, ainda há homens que o negam. Conseguiu, porventura, o próprio Cristo convencer os seus contemporâneos, mediante os prodígios que operou? **Não conheceis presentemente alguns que negam os fatos mais patentes, ocorridos às suas vistas? Não há os que dizem que não acreditariam, mesmo que vissem?** Não; não é por meio de prodígios que Deus quer encaminhar os homens. Em sua bondade, ele lhes deixa o mérito de se convencerem pela razão. (KARDEC, 1995, p.374; grifo negro nosso)

O estudo sistematizado do paradigma spiritista, cujo eixo se assenta sobre a existência do espírito, sua sobrevivência à morte física, bem como sua pré-existência ao



nascimento, sua migração por vários corpos e sua comunicação entre dimensões (os chamados mortos comunicando-se com os vivos, influenciando e sendo por eles influenciados), conforme já foi mencionado, aparece de forma bastante consistente na peça de William Shakespeare posta em evidência neste trabalho.

Dos trechos em destaque para este estudo resulta, pois, que o proverbial “ser ou não ser” hamletiano (2009, p.67) diz respeito não somente à grave questão existencial de enfrentar as agruras da vida ou evadir-se pelas portas do suicídio – que representaria a magna questão filosófica segundo Albert Camus em *O mito de Sísifo* (2008) –, mas também concerne ao fundamental problema espiritual da identidade de um espírito que se comunica com os vivos, conforme a proposta paradigmática espírita viria a ressaltar cerca de dois séculos e meio após as primeiras apresentações da peça.

Se em obras como *Grande sertão: veredas* (2001), de João Guimarães, originalmente publicada em 1956, o imaginário espírita aparece de forma bastante nítida em sua efabulação, constituindo um exemplo de obras literárias seminais da literatura que dialogam com a doutrina sistematizada por Kardec após a sua fundação; em *Hamlet* se tem o mesmo diálogo de forma temporalmente bastante peculiar, pois na peça shakespeariana, cronologicamente anterior ao kardecismo, o que seria tratado por Kardec em seu trabalho já aparece evidenciado na instigante relação dos Hamlets que se encontram em dimensões diferentes da vida, mas que mesmo assim mantêm um diálogo e uma interação que caracteriza importantes aspectos da vida humana.

### 3. Considerações finais

O quadricentenário da morte de William Shakespeare representa uma importante efeméride no mundo literário, bem como na cultura em geral. Certamente, muitas publicações acerca do importante autor inglês surgirão até o final do ano que assinala os quatro séculos do seu falecimento. Este estudo procurou demonstrar a relação entre a peça *Hamlet*, de Shakespeare, e o pensamento espírita, através de questionamento de Allan Kardec acerca de tópico específico correspondente à relação entre a personagem principal da peça e o fantasma de seu pai.



O resultado apresentado neste estudo sugere como promissora possibilidade de pesquisas futuras o mapeamento do imaginário espírita em obras representativas da literatura universal numa perspectiva de temporalidade pré e pós-advento do espiritismo como doutrina sistematizada por Allan Kardec a partir da publicação de *O livro dos espíritos* em abril de 1857.

## Referências

BLOOM, Harold. *Gênio: os 100 autores mais criativos da história da literatura*. Tradução de José Robert O'Shea, s.e. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

BLOOM, Harold. *Shakespeare: a invenção do humano*. Tradução de José Roberto O'Shea, s.e. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

BLOOM, Harold. *Hamlet: poema ilimitado*. Tradução de José Roberto O'Shea, s.e. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch, 6. ed. Rio de Janeiro: 2008.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Tradução de Hélder Godinho, 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro, 76. ed. Brasília: Editora FEB, 1995.

\_\_\_\_\_. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro, 62. ed. Brasília: Editora FEB, 1996.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.



SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 24. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Tradução de Millôr Fernandes, 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.